

ESTUDO DE TEXTOS: O LINGÜÍSTICO-LITERÁRIO

Maria do Socorro Rosas
(UNESP/Araraquara-SP/Brasil)

Entendemos que realizar leituras não significa apenas decodificar textos escritos e nem tampouco analisar os aspectos lingüísticos separadamente dos literários sem estabelecer relação entre os dois campos. Seriam leituras decodificativas, efetivadas isoladamente.

Antes, porém, de estimular uma leitura lingüístico-literária, é necessário conduzir o estudante ao prazer da leitura. Para procurar conduzi-lo a uma leitura prazerosa, é preciso sensibilizá-lo para o que vai ler, estabelecer uma relação de leitura com seus sentidos que vai sendo construída segundo a leitura que cada um faz daquilo com que se relaciona. Assim vai-se estabelecendo um “diálogo” do leitor com o objeto lido, seja escrito, sonoro, um gesto, uma imagem, uma paisagem, um quadro, etc. Dessa forma, o leitor não só decifra sinais, mas também efetiva compreensões que constróem sentidos.

Uma leitura ampla e verdadeira se realiza pela interação que o leitor faz com o objeto lido: o texto por exemplo, mesmo que seja só escrito, onde não existem situações reais. Para tanto, é necessário associá-la aos órgãos dos sentidos, às emoções e à razão porque são aspectos importantes que se relacionam com a própria existência do homem.

Colocando o leitor diante do texto, ele reagirá com as mais variadas sensações, emoções e pensamentos que o texto lhe provoca e segundo também seu saber armazenado. Em contato com o texto escolhido, ele se depara com o jogo de imagens, cores, materiais, elementos sonoros, cheiros, gostos que fazem o leitor “viajar” através do

imaginário que o texto lhe apresenta. Com o exercício da leitura sensorial e emocional, o educador fará do sujeito-leitor o elemento observador capaz de “ver” o que se esconde por trás das palavras e por trás da combinatória que compõe a superfície de qualquer texto. Aguçando a percepção, a observação e a emoção através da leitura sensorial, o leitor consegue penetrar no texto e compreender o seu significado, buscando sempre esse significado que vem camuflado ou embutido no *jogo de palavras* (o aspecto gramatical) que pode levar à construção literária.

O que nós propomos é estudar textos com a preocupação de apontar a importância do conteúdo lingüístico, a materialidade lingüística no fazer literário de forma tal que o leitor busque a compreensão significativa do texto, pois entendemos que o significado não existe sem a forma que o materializa.

Acreditamos que o uso de recursos gramaticais como seleção de fonemas ou de determinadas classes de palavras ou certas construções sintáticas podem produzir certos efeitos de sentido “literário” que chamamos a motivação do signo.

Através de experiências realizadas com estudo de textos, foi possível constatar a possibilidade de trabalhar textos em suas especificidades *lingüísticas e literárias*, procurando estabelecer uma simbiose entre os dois campos de interesse (lingüístico/literário) para o ensino da língua materna.

A preocupação principal desta *comunicação* é mostrar como se pode trabalhar o lingüístico e o literário, sempre a partir de um texto levantando noções gramaticais e observando-as como recursos estilísticos que o autor utiliza com objetivos literários.

Tomemos como exemplo o soneto *Vila Rica* de Olavo Bilac onde aspectos gramaticais levam ao interesse literário.

Vila Rica

O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos de ouro, as minas, que ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre;
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao longe em doloroso dobre
 O último ouro do sol morre na cerração.
 E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
 O crepúsculo cai como uma extrema-unção.

Agora, para além do cerro, o céu parece
 Feito de ouro ancião que o tempo enegreceu...
 A neblina, roçando o chão, ciciza, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...
 Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
 Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

Vemos que o poeta se utilizou de um substantivo próprio “Vila Rica” como referencial que nos remete a Minas Gerais melancólica, reportando-nos a um quadro do entardecer, recuperando a imagem do crepúsculo através da descrição poética. O jogo de palavras e o entrecruzar de adjetivos, como aspecto literário, faz então o literário aparecer em sua engenhosidade. É por meio do jogo de figuras – o estilístico – que o poeta pinta a imagem do pôr-do-sol resgatando de

forma poética uma situação especial do entardecer no cenário de Vila Rica. A cena é reatualizada por elementos sinestésicos com transparência entre cor, som, imagens visuais.

É através do uso de substantivos e adjetivos que o texto “fala” e “chora” a “morte” do sol que se despede “molhando” “a triste Ouro Preto”. O colorido do “fulvo do ocaso” que se desenha no horizonte faz lembrar o amarelo do ouro que possuíam as Minas Gerais.

“O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre”
 “O último ouro do sol morre na cerração”
 “Feito de um ouro ancião que o tempo enegreceu...”

No que concerne a elementos mórficos, o texto procura selecionar lexemas como ouro, por exemplo, para nos trazer a cor do amarelo que é “pintado” no horizonte pelo “descer” do sol. Essa imagem é trazida sempre pela cor do ouro que ora é “fulvo”, ora é “ouro ancião”, enegrecido, envelhecido. Foi esta a maneira de o poeta passar a cor que ele “via” no céu. No final do texto (último verso), o sol é visto como “ouro dos astros” que “chove” seu amarelo sobre a triste Ouro Preto.

Novamente o “ouro” é recuperado para marcar a cor do sol que “morre na cerração”. O brilho do ouro trazido, aqui, é também para passar a imagem que o sol reflete como “cicatriz” no espaço celeste. O ouro funciona como elemento figural para mostrar a cor brilhante, melancólica e amarelo tostado que se pinta nesse espaço.

Um outro elemento mórfico através de uma leitura sensorial é “o ângelus” que “plange em doloroso dobre”, nos remetendo então a uma imagem sonora que provoca certa tristeza pelo entardecer. Essa imagem sonora vem acompanhada de uma visão fantasmática:

“E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre
O crepúsculo cai como uma extrema-unção”

No aspecto morfológico, ainda vemos que a maioria dos verbos no soneto estão no presente, sangram, brilha, plange, morre, dobra, soluça. São formas gramaticais, recursos literários que reatualizam a imagem que o poeta quis “pintar”. A abundância de adjetivos, fulvo, torturada, nobre, doloroso, austero, gloriosa, pobre, espectral, triste – empregados como traços literários, marca conotativamente a linguagem parnasiana dando exuberância à construção do soneto.

Há um outro valor relevante, a presença das reticências que contribuem literariamente quando estabelecem a metáfora do movimento do sol no seu desaparecimento quando morre a tarde:

Feito de um ouro ancião, que o tempo enegreccu...
Como uma procissão espectral que se move...

Além do mais, as reticências surgem também com valor melódico.

“Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...”

Completando a imagem do movimento.

Em relação ao aspecto semântico, verificamos o emprego de figuras de linguagem, a comparação e a metáfora como recursos poéticos que contribuem para o encadeamento temático do soneto que nos remete àquela imagem melancólica criada pela descrição do entardecer.

“Cada cicatriz brilha como um brasão”, comparação

→ Caracteriza o brilho dos raios solares.

“O crepúsculo cai com uma extrema-unção”

“Como uma procissão espectral” – comparações

→ Movimento lento do sol se pondo melancolicamente (se escondendo).

“O ângelus plange ao longe em doloroso dobre

O último ouro do sol morre na cerração

E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,

O crepúsculo cai como uma extrema-unção”

Metáforas que remetem à tristeza que o poeta sente pela ausência “alegre” do sol e presença “tristonha” da noite.

Através dessa “leitura” vê-se que o poeta faz uso da língua para construir seu soneto como objeto literário, no qual forma e conteúdo estão intrinsecamente interligados, nos passando um quadro onde a imagem visual vem acompanhada de sons, nos remetendo a uma situação poética de pôr-do-sol.

Fazendo o aluno “ler” dessa forma, com os órgãos dos sentidos e com a emoção, e observando a materialidade lingüística do soneto, entendemos que o estudo de Língua Portuguesa torna-se mais prazeroso e sua compreensão muito mais acessível.

Referências

BILAC, Olavo *Poesias*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d